

A HISTÓRIA DO IAB

Instituto de Arquitetos do Brasil

Texto organizado: Arq. e Urb. **Carlos Lucas Mali**

Referência e fonte principal: www.iab.org.br

Com as transformações urbanas no início do séc. XX, inicia-se um grande movimento entre os Arquitetos no Rio de Janeiro, capital do país, para discutir questões de interesse da profissão. Alguns documentos históricos citam a criação, em 1903, do *Centro de Architectos e Constructores do Rio de Janeiro*.

Em 1920, foi realizado em Montevidéo, Uruguai, o *I Congresso Pan-Americano de Architectos*, que viria a ser um marco nos movimentos para criação do então **Instituto de Arquitetos do Brasil**, o **IAB**. O mundo vivia os efeitos do pós-guerra e o Rio de Janeiro, sob o governo de Epitácio Pessoa, sofria uma grande expansão urbana.

No dia 26 de janeiro de 1921, um grupo de 27 profissionais entre arquitetos e engenheiros reunidos na sala de Teoria e História da Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, criam o *Instituto Brasileiro de Architectura*, sendo eleito Gastão da Cunha Bahiana, o seu primeiro presidente.

Os primeiros momentos após a criação do Instituto foram dedicados à divulgação da arquitetura, através de campanhas para a realização de concursos públicos de projetos de arquitetura e à preocupação com o exercício profissional, com o estabelecimento de uma tabela de honorários que pudesse servir de parâmetro para a remuneração dos serviços.



1ª Diretoria do Instituto Brasileiro de Architectura, depois Instituto de Arquitetos do Brasil. Fizeram parte dela os Engenheiros Arquitetos Gastão da Cunha Bahiana (ao centro), Nereu Sampaio, Archimedes Memória, Pedro Viana da Silva, Gabriel Fernandes e Edgar Viana.

DÉCADA DE 20

PRIMEIROS ANOS

1922 - *Semana de Arte Moderna*

1924 - *Movimento Pau-Brasil*

1925 - *Manifesto de Gregori Warchavski*



A Cada Modernista, de Gregori Warchavski, um dos pioneiros da arquitetura modernista no Brasil, que usava os conceitos de Le Corbusier como o uso de pilotis, fachadas livres, etc.



Foto de Gregori Warchavski, arquiteto russo radicado no Brasil, que manteve studio no Rio de Janeiro com Lucio Costa.

A agitação crescente na política brasileira e nas artes, gera um período efervescente que culmina com a Semana de Arte Moderna de 22. Diante de tantas transformações e diversidade de opiniões entre os membros, com apenas um ano de vida o *Instituto* viu seus grupos se dividirem, o que fez criar uma segunda entidade chamada *Sociedade Central de Arquitectos*, presidida por Adolpho Morales de Los Rios.

Com o tempo, sente-se que a dualidade de associações não poderia existir por muito tempo. Era um enfraquecimento para a categoria que fazia suas primeiras tentativas visando a consolidação da profissão. Assim, em 1924, dois anos após a ruptura, as duas entidades fundiram-se dando origem ao *Instituto Central de Arquitetos*, presidido por Fernando Nereo de Sampaio, que foi empossado em agosto de 1924 e reeleito por mais três mandatos até julho de 1928, quando passou o cargo para Cypriano Lemos, que no ano seguinte, passa o cargo para Adolfo Morales de Los Rios Filho.

Em junho de 1929, em meio a grande efervescência política no país, preparava-se o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos que aconteceria em 1930, no Rio de Janeiro. A questão fundamental do Congresso era o embate entre as duas correntes da arquitetura: o neo-colonial e o modernismo. Vence o modernismo.

DÉCADA DE 30 (parte 1)

Julho de 1930

*O país vivia momentos derradeiros da
Primeira República com Washington Luiz (1926-30)*



Abaixo: Edifício do Ministério da Educação - Palácio Gustavo Capanema no Rio de Janeiro, projeto de Lucio Costa de 1936, marco da arquitetura moderna no Brasil. (*parceria com Jorge Moreira, Carlos Leão, Affonso Eduardo Reydi, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer)*

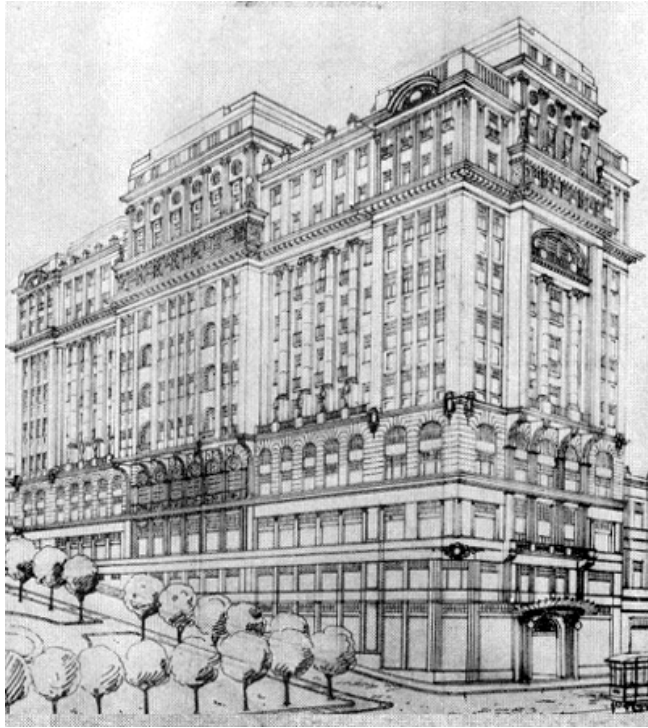


*Acima, à direita: Lucio Costa, Frank Lloyd Wrigth e Gregori Warchavski na Casa Nordchild, Rua Toneleros, Rio de Janeiro em 1931.
Fonte: Lucio Costa, Registro de uma Vivência, 1955.*

Toma posse em 1930, Nestor Egydio de Figueira que, em sua segunda gestão em 1931, faz o *Instituto* oficialmente se engajar na corrente modernista e na luta por uma arquitetura contemporânea. Coube ao então vice-presidente, Paulo Ferreira Santos, conclamar os arquitetos a assumirem os novos postulados da arquitetura contemporânea. Num discurso bastante ponderado ele mostrou a importância da contribuição também dos adeptos do neocolonial na luta com o ecletismo vigente no início do século.

Era o início de novos tempos e o despontar de uma nova estética quando se anunciavam, definitivamente, novas posturas na arquitetura brasileira.

O período entre 1931 e 1942 foi marcado por produções emblemáticas na arquitetura brasileira: Conjunto Arquitetônico da Pampulha e Grande Hotel de Ouro Preto, de Oscar Niemeyer; Avenida Presidente Vargas e os prédios art déco no Rio de Janeiro; Park Hotel em Friburgo, de Lucio Costa, entre outras obras.



EDIFÍCIO MARTINELLI - projeto de 1928 do arquiteto húngaro William Fillinger.

Em Art Decó e marco na história da arquitetura paulistana no início da fase de verticalização da cidade, o primeiro “arranha-céu” de São Paulo e América Latina, foi obra de um sonho de Giuseppe Martinelli, um imigrante italiano que contratou Fillinger para projetar um prédio de 12 andares. No decorrer da obra, Martinelli decide acrescentar mais pavimentos, resultando um prédio de 30 andares.

DÉCADA DE 30 (parte 2) **SURGE DEFINITIVAMENTE O IAB**

*O Brasil vivia o Estado Novo (1937-45)
e o mundo se preparava para a
Segunda Guerra Mundial*



Park Hotel em Friburgo, projeto de Lucio Costa, de 1938.



Grande Hotel de Ouro Preto, projeto de Oscar Niemeyer, de 1939.

Em 1932, Angelo Bruhns toma posse na presidência da entidade. Na gestão seguinte, de Roberto Magno de Carvalho (1933/34), após uma reforma estatutária, surge o IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil, nome mantido até hoje.

Na primeira metade de 30 começam a se frutificar as campanhas anteriormente lançadas:

- as tentativas de reforma do ensino de arquitetura na ENBA – Escola Nacional de Belas Artes, liderada por Lúcio Costa e com o apoio do diretório acadêmico;
- a regulamentação profissional em 1933, com a criação dos conselhos profissionais, Confea/Creas, entre outros;
- a reforma estatutária;
- o lançamento da primeira revista oficial do IAB, “*Arquitetura e Urbanismo*”, sob a direção de Cypriano Lemos. Editada de 36 a 38, é nela que podem ser encontradas as primeiras tentativas de recuperação da memória do Instituto.

Enquanto a arquitetura contemporânea consolidava-se a olhos vistos no país, vivia-se o Estado Novo, época que parece ter sido difícil, principalmente para as entidades que tentavam manter independência em relação ao poder central.



Projeto de Frank Lloyd Wright de 1934, a Casa da Cascata, na Pensilvânia, Estados Unidos, é considerada um marco na arquitetura moderna mundial, influenciando a arquitetura brasileira que surgia naquela época.

DECADA DE 40

IAB SE FORTALECE E AMPLIA ATUAÇÃO

Fim da ditadura Vargas.

Momento de democratização.

JK sobe ao poder. Mudanças sacodem a sociedade brasileira.



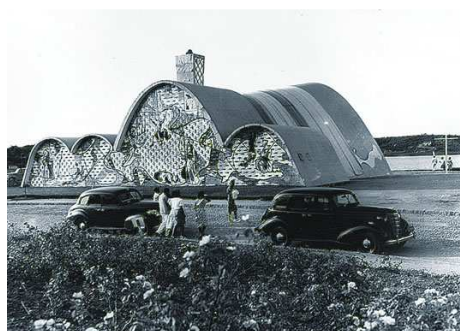
À esquerda, os irmãos arquitetos Milton e Marcelo Roberto, do escritório MM Roberto, em frente ao prédio da ABI, projeto de 1935.

Durante seis mandatos sucessivos, Nestor Egydio de Figueira mantém-se na presidência do IAB até 1943. Ao final do seu mandato, alerta para a importância de se eleger nomes expressivos da arquitetura brasileira, sobretudo os internacionalmente conhecidos, numa alusão às mudanças acontecidas na profissão nos 22 anos do Instituto. É eleito Paulo Camargo de Almeida, o primeiro presidente fora do grupo dos 27 sócios fundadores.

Em 1944 o IAB manifesta-se abertamente pelo fim da ditadura Vargas, pela anistia geral, pela liberação dos presos políticos e pela convocação de uma Assembleia Constituinte. Desse período, merece ser lembrado:

1. Cabia ao IAB o desejo ou não de ser transformado em sindicato por força do Decreto Lei 1403 de 1939, e a decisão foi de que o IAB continuaria como era, podendo seus associados criar um sindicato utilizando inclusive as instalações do Instituto, fato este, que só viria a ocorrer vinte e cinco anos depois;

2. Durante a 2ª guerra mundial, o IAB lutava contra a construção obrigatória de abrigos anti-aéreos, que um grupo de militares construtores queria transformar em lei.



Conjunto Arquitetônico da Pampulha, de Niemeyer. Acima, em 1943 o presidente Getulio Vargas desembarcando no Aeroporto da Pampulha sendo recebido pelo prefeito Juscelino Kubitschek para inauguração da obra.

CRIAÇÃO DOS DEPARTAMENTOS ESTADUAIS



Eduardo Kneese de Mello, primeiro presidente do IAB-SP, que promoveu a construção do prédio da entidade paulista em 1947.



Edifício Japurá, São Paulo, projeto de 1945 de Eduardo Kneese de Mello e paisagismo de Roberto Burle Marx.

No início dos anos 40, inicia-se a transformação do *Instituto* - de entidade central no Rio de Janeiro em uma estrutura federativa, nascendo os primeiros departamentos estaduais em 1943, Minas Gerais e São Paulo, cabendo ao IAB-SP sediar o *I Congresso Brasileiro de Arquitetos* em janeiro de 1945, quando o Estado Novo vivia seus últimos dias em decorrência das vitórias das forças aliadas na Europa.

A essa altura a *entidade* já estava consolidada e era preciso avançar - o IAB precisava de uma sede - um dos sonhos de Paulo Camargo de Almeida, assumido pelo seu sucessor Firmino Fernandes Saldanha, que assume a presidência em julho de 1946.

Mas uma questão colocava-se como prioritária naquele momento de democratização da sociedade brasileira. Era preciso consolidar o caráter político da entidade, coisa em que se viu envolvido Firmino Saldanha, reeleito por mais dois mandatos. No final dos anos 40 passa o cargo a Milton Roberto que dirigiu o IAB até 1953, quando faleceu em pleno apogeu de sua carreira como profissional e líder da categoria.



IAB-SP - Projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar, que venceu Concurso de Projeto em 1947, lançado por Eduardo Kneese de Melo, presidente do IAB-SP. Juri: Firmino Saldanha Helio Uchôa e Oscar Niemeyer.



1951 - ano da inauguração, foto Gustavo Neves da Rocha Filho. O projeto acabou sendo feito em parceria com as equipes que tiraram 2° e 3° lugar, por solicitação de Eduardo Kneese de Melo, presidente do IAB-SP.



2013 - o prédio, tombado em 2002 pelo Condephaat, cujo restauração foi aprovada no Ministério da Cultura, por se tratar "de um dos marcos da arquitetura modernista paulista e brasileira".

CRIAÇÃO DOS DEMAIS DEPARTAMENTOS ESTADUAIS

IAB/RJ – 26/01/1921

IAB/MG - 02/10/1943

IAB/SP – 20/12/1943

IAB/RS – 19/03/1948

IAB/PE – 20/06/1951

IAB/BA – 30/04/1954

IAB/CE – 18/04/1957

IAB/DF – 20/03/1960

IAB/PR – 26/08/1962

IAB/ES – 25/10/1967

IAB/GO – 10/07/1968

IAB/SC – 03/10/1969

IAB/MS – 20/05/1975

IAB/AM – 24/11/1976

IAB/MT – 20/01/1979

IAB/PB – 24/01/1980

IAB/RO – 26/01/1982

IAB/MA – 15/07/1991

IAB/AL –

IAB/SE –

IAB/RN –

IAB/AC –

IAB/TO –

IAB/RR –

DÉCADA DE 50 DEFINIDA A ESTRUTURA FEDERATIVA DO IAB



Acima, à esquerda - Burle Marx, entre Lucio Costa e Le Courbusier, quando da vinda do arquiteto francês ao Brasil, na década de 50.

Acima, à direita - Ary Garcia Roza - presidente do IAB-Nacional, de pé; Burle Marx, Le Courbusier e Lucio Costa, sentados.

Ao lado - Maquete do Edifício da Sede do Banco do Brasil, Brasília, projeto de Ary Garcia Rosa de 1959, vencido em Concurso Público de Projetos.

Em 1954, Paulo Antunes Ribeiro assume a presidência. Descrente das promessas de uma sede para o *Instituto* por parte do governo, passa a buscar a soluções junto aos associados, pois a entidade começa a crescer em virtude da criação de novas escolas de arquitetura e da formação dos departamentos estaduais.

O IAB já não podia mais restringir-se a uma entidade do Rio de Janeiro e isso exigia uma solução urgente. Em 1948, surge o IAB-RS; em 1951, o IAB-PE; em 1954 o IAB-BA e em 1957, o IAB-CE. Porém, o grande momento da transformação só viria a ocorrer no final do primeiro mandato de Ary Garcia Roza, 1956/57.

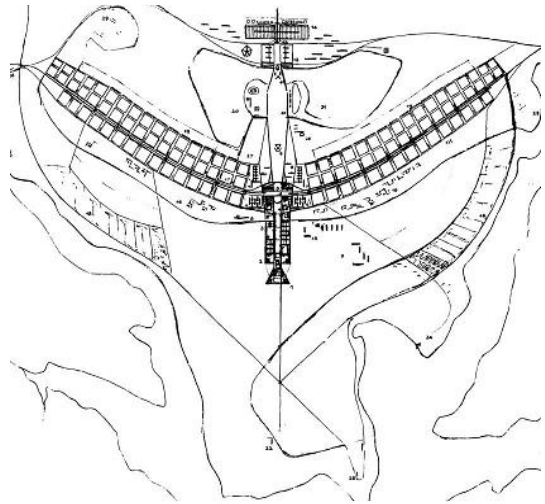
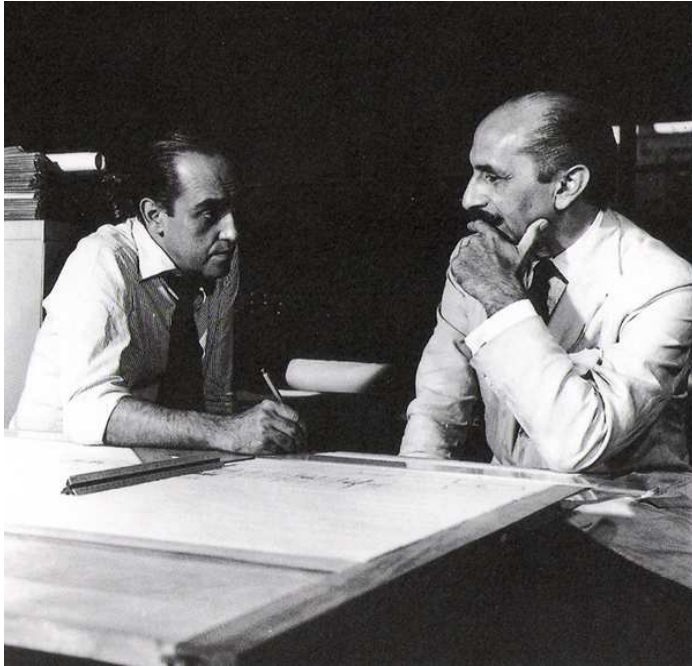
Em Assembléia Geral, realizada em 14 de julho de 1957, fica decidida “a criação do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil – COSU, integrado por representantes de todos os departamentos estaduais e ex-presidentes, eleitos a cada dois anos”, pondo fim aos mandatos anuais. Passa a ser atribuição do COSU traçar a política do Instituto e eleger a Diretoria Nacional.

Estava assim definida a estrutura federativa do IAB, que vigora até hoje.

DÉCADA DE 60 O IAB E A NOVA CAPITAL

Brasília inaugurada. O país e o continente vivem um momento peculiar de sua história.

Seminário de Habitação e Reforma Urbana – Hotel Quitandina em Petrópolis em julho de 1963



Lucio Costa, vencedor do Concurso Público do Plano Piloto de Brasília, organizado em 1956 pelo Governo Federal e pelo IAB, para a nova capital federal. Na foto com Oscar Niemeyer.

O IAB participou diretamente da organização e do julgamento do concurso para a criação da nova capital. A arquitetura brasileira transcendia os limites do país - vinte e sete anos depois de sua criação, Brasília seria incorporada ao Patrimônio da Humanidade.

O *Instituto* continuou sua luta pela reformulação da regulamentação profissional, ao mesmo tempo em que discutia amplamente os mais variados temas ligados aos destinos do desenvolvimento brasileiro.

É eleito o primeiro presidente nacional oriundo de um departamento estadual, Ícaro de Castro Mello, de São Paulo. Sob sua gestão o IAB desenvolveu ações de grande repercussão para a categoria. A organização do Seminário de Habitação Urbana (julho de 1963) foi o ápice daquele momento. A revista *Arquitetura* (1961/68), editada no Rio de Janeiro, era o principal veículo do pensamento da categoria.

No plano internacional, Flávio Léo da Silveira foi eleito vice-presidente da UIA – União Internacional de Arquitetos.

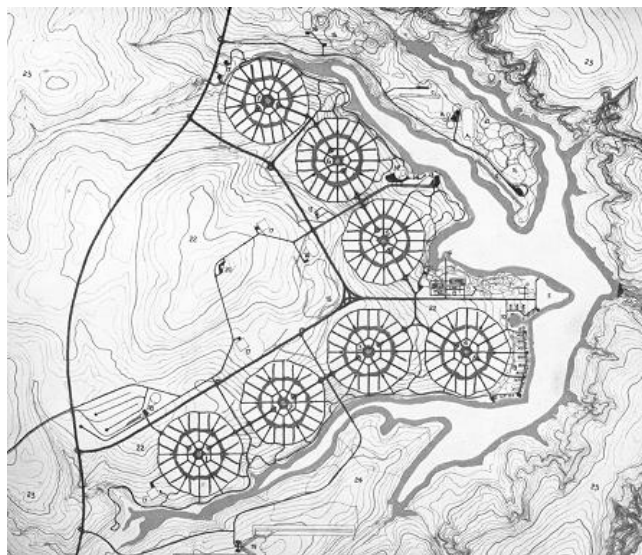
Nessas e em inúmeras outras ações de igual importância, o IAB mostrou-se pronto a apresentar a contribuição da categoria ao país. Mesmo após abril de 1964, quando os militares assumiram o poder, coube ao IAB desenvolver uma intensa e acirrada luta contra o BNH - Banco Nacional de Habitação, que começou na gestão de Ícaro e depois na gestão de Fábio Pentecoste que assumiu a presidência do IAB em 1966.

Os pequenos departamentos estaduais começam a se rebelar contra “a hegemonia do eixo Rio-São Paulo”, que não permitia uma participação mais efetiva dos Estados com menor número de associados. É então formada uma chapa de conselheiros de vários Estados, tendo à frente Eduardo Kneese de Mello, e é eleita dando assim início à fase de transição do poder central para a estrutura federativa da entidade.

Essa importante transformação no processo decisório da entidade não se fez sem grandes sacrifícios, principalmente quando a preocupação era a de manter a independência do Instituto perante um todo poderoso governo central às voltas com seu processo de repressão e seu “milagre brasileiro”.

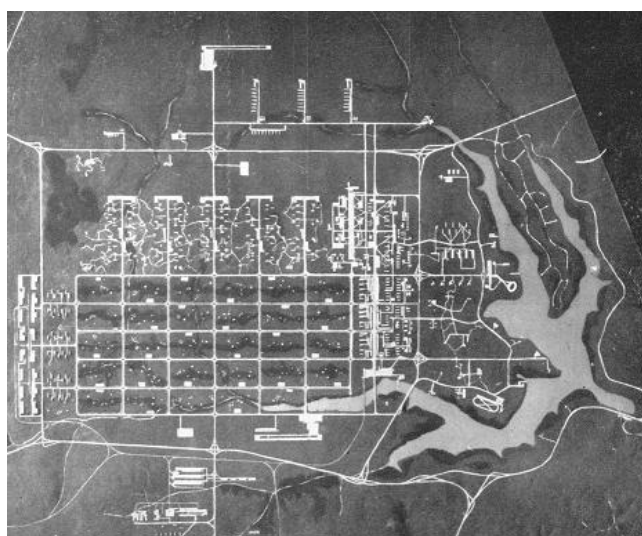
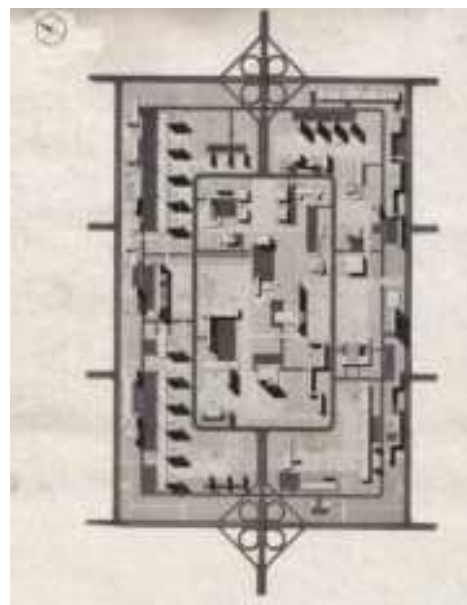
Em 1970, Benito Sarno, do IAB da Bahia, sucede a Kneese de Mello, tornando-se o primeiro presidente nacional fora do eixo Rio-SP. Foram feitas as reformas estatutárias que modelaram o IAB de hoje, como a definição do COSU como órgão máximo deliberativo e a obrigatoriedade de eleições baseadas em plataformas elaboradas pelos departamentos e não mais por nomes simplesmente.

Nessa ocasião, por força do acordo MEC-USAID, proliferaram as escolas de arquitetura e a categoria sofria grandes transformações.



Ao Lado - Projeto de MM ROBERTO - 3º lugar no Concurso do Plano Piloto para Brasília, que empatou com projetos de Rino Levi, Roberto Cerqueira Cezar, Luis Roberto Carvalho Franco e Paulo Fragoso.

Abaixo - Projeto de Boruch Milman, com João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves, classificado em 2º lugar.



Ao lado - Projeto de JOÃO BAPTISTA VILANOVA ARTIGAS - 5º lugar no Concurso do Plano Piloto para Brasília.

DÉCADA DE 70

1976 - IX CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS

O Congresso reúne 6.000 pessoas, de 25 a 29 de outubro de 1976, depois de 7 anos

Em 1970, na gestão de Benito Sarno, são realizadas reformas estatutárias que estabeleceram o atual modo de funcionamento do IAB: o Conselho Superior (Cosu) como órgão máximo deliberativo e eleições baseadas em plataformas elaboradas pelos departamentos e não mais por nomes individualmente.

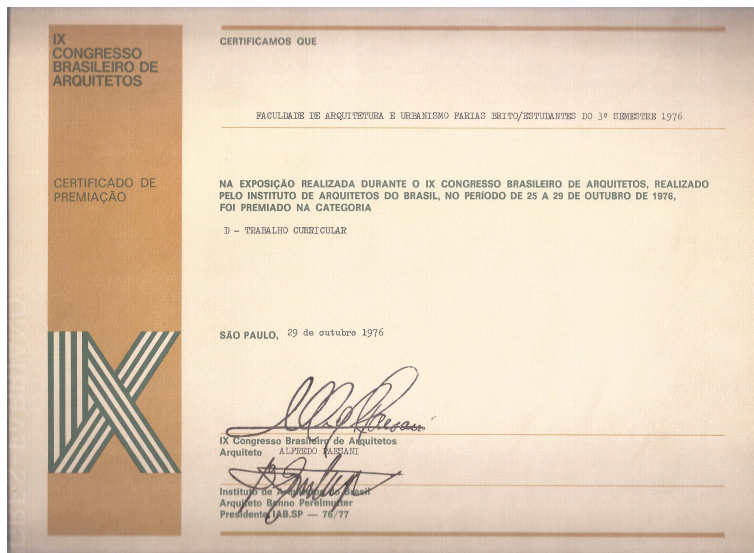
Em 1972, toma posse Miguel Alves Pereira, que leva a Sede Nacional para Brasília e as Reuniões do Conselho Superior passam a ser realizadas nas capitais dos Estados, permitindo uma maior participação dos Departamentos – modelo que vigora até hoje. Em 1974, é reeleito Miguel Alves Pereira.

O IAB, através do Departamento de São Paulo, realiza em 1976 no prédio da Bienal no Parque Ibirapuera um feito histórico. Depois de proibido pela ditadura militar por 7 anos foi realizado o IX Congresso Brasileiro de Arquitetos, que reuniu 6.000 congressistas, entre estudantes e profissionais de todo o Brasil. O último Congresso tinha sido em Porto Alegre em 1969.

Em 1977, é eleito o gaúcho Demétrio Ribeiro e o IAB Nacional se instala em Porto Alegre.



Jornal “ARQUITETO”, publicado durante o IX Congresso Brasileiro de Arquitetos, ocorrido de 25 a 29 de outubro de 1976, pelo IAB-SP e pelo Sindicato de Arquitetos no Estado de São Paulo, tendo como editor Vicente Wissenbach e Fabio Goldman como Diretor Responsável.



Ao lado

Certificado de Premiação de Trabalho Curricular, no VI Congresso Brasileiro de Arquitetos que teve o nome de Alfredo Paesani.



Ao lado e abaixo

Alunos do 3º semestre da FAU Farias Brito, de Guarulhos/São Paulo, montando trabalho disciplinar de Estrutura Espacial e Geodésia no estacionamento da Faculdade. Esse trabalho seria inscrito no Concurso de Trabalhos Curriculares no IX Congresso Brasileiro de Arquitetos em 1976, e receberia a premiação em entre todas as FAUs brasileiras inscritas no VI Congresso.

